

22. A GREVE QUE PAROU O PAÍS

O ano de 1917 foi emblemático para o movimento operário no Brasil. Em meados do ano, o movimento operário organizado através do sindicalismo revolucionário organizou greves se transformaram em greves gerais. O recrudescimento do movimento operário trouxe grande preocupação para as autoridades e burguesia. Vários fatores explicam a eclosão daquela que foi considerada a maior greve geral da História do país: As inóspitas condições de trabalho, baixos salários, ausência de direitos trabalhistas que regulasse as relações de produção, exaustivas jornadas diárias de trabalho, péssimas condições de vida, principalmente de moradia, entre outros. O aumento dos preços dos alimentos também deve ser considerado como um dos fatores que contribuiu para a sublevação dos trabalhadores tanto em São Paulo e no Rio de Janeiro.

Em junho aconteceram algumas greves em fábricas têxteis no Moóca e no Ipiranga. Baixos salários, condições de trabalho inóspitas e a luta contra a contribuição “pró-pátria” mobilizaram os trabalhadores dessas fábricas. A contribuição “pró-pátria” foi iniciada por burgueses italianos que queriam ajudar financeiramente seu país no conflito mundial. As quantias eram adquiridas através de descontos salariais dos seus funcionários. Os baixos salários ficaram ainda mais inexpressivos por causa do referido desconto provocado pelo conflito mundial. No dia 7 de julho, a greve se espalhou para a Cia. Antártica no Moóca. Dois dias depois a Força Pública reprimiu com violência uma concentração de trabalhadores na porta da Tecelagem Mariângela que pertencia ao grupo Matarazzo. O sapateiro anarquista Antonio Martinez foi morto durante a repressão e sua morte revoltou os operários paulistas. O enterro do militante anarquista aconteceu no dia 11 de julho, tornando-se um catalisador de toda revolta operária contra as condições de trabalho e intensa repressão governamental. O cortejo fúnebre saiu do Brás, acompanhado de milhares de trabalhadores, foi até o Aterro do Carmo, caminhando pelo centro da cidade, onde aconteceram enfrentamentos com as forças de repressão e chegou ao cemitério do Araçá. A greve se generalizou por toda a cidade.²¹⁷

O movimento operário organizou o Comitê de Defesa Proletária, liderado pelos anarquistas Edgard Leuenroth, Florentino de Carvalho, Gigi Damiani, Antonio Candeias e pelo socialista Teodoro Monicelli, diretor do jornal *Avanti!*. A greve geral foi se espalhando por várias cidades do interior paulista e ganhou a solidariedade da Federação Operária do Rio de Janeiro. No dia 15 de julho o número de grevistas era de 50 mil. A cidade de São Paulo ficou completamente paralisada. O movimento operário enfrentou abertamente a classe dominante, organizada através de um forte e violento aparato re-

²¹⁷HARDMAN, Francisco Foot e LEONARDI, Victor. *História da indústria e do trabalho no Brasil: das origens aos anos 20*. Rio de Janeiro: Ed. Ática, 1991, p. 280.

pressivo governamental. O governo paulista solicitou reforços repressivos para o governo federal, temendo a organização do movimento grevista e o avanço da greve geral. Foram deslocadas tropas do interior e dois navios de guerra para a cidade de Santos. Os trabalhadores estavam revoltados, deflagrados em uma revolta popular. Lutas de rua, ataques contra autoridades, piquetes, comícios aconteceram por todo o canto. Homens, mulheres e crianças se organizaram através das Ligas Operárias de seus bairros, uma outra forma de organização popular criada pelos anarquistas. Bairros operários se tornaram baluartes de resistência grevista com formação de barricadas, esconderijos nos cortiços e becos dos bairros da Lapa, Brás, Ipiranga, Belenzinho, Cambuci, Barra Funda e Moóca. Assim registrou Everardo Dias: “São Paulo é uma cidade morta: sua população está alarmada, os rostos denotam apreensão e pânico, porque tudo está fechado, sem o menor movimento. Pelas ruas, afora alguns transeuntes apressados, só circulavam veículos militares requisitados pela Cia. Antártica e demais indústrias, com tropas armadas de fuzis e metralhadoras. Há ordem de atirar sobre quem fique parado na rua. Nos bairros fabris do Brás, Moóca, Barra Funda, Lapa, sucedem-se tiroteios com grupos populares; em certas ruas já começaram a fazer barricadas com pedras, madeiras velhas, carroças viradas e a polícia não se atreve a passar por lá, porque dos telhados e cantos partem tiros certos. Os jornais saem cheios de notícias sem comentários quase, mas o que se sabe é sumamente grave prenunciando dramáticos acontecimentos.”²¹⁸

No Rio de Janeiro a União dos Operários em Construção Civil, havia sido refundada como União Geral da Construção Civil (UGCC) em abril de 1917. A organização cresceu consideravelmente no ano de 1917. Apenas dois meses após sua refundação já contava com 500 operários filiados. A trajetória militante sindical de Domingos Passos esteve diretamente ligada à União dos Operários em Construção Civil. Alcançou grande notoriedade após reunir 20 mil trabalhadores no sepultamento dos 13 operários mortos no desabamento do New York Hotel. O enterro se transformou em uma manifestação de protesto dos trabalhadores da construção civil contra a falta de condições de trabalho e de vida.²¹⁹

A greve geral se espalhou e chegou no Rio de Janeiro. No dia 18 de julho o marceneiro Flávio dos Santos abandonou o serviço em um ato de solidariedade ao movimento grevista de São Paulo. De todos os seus 180 companheiros de trabalho, apenas três o acompanharam em sua atitude solidária. No entanto, em uma fábrica de móveis, 150 trabalhadores entraram em greve. Em seguida, outras cinco fábricas entraram em greve. A Federação Operária do Rio de Janeiro atuou junto aos trabalhadores grevistas e juntos decidiram que os mesmos só retornariam ao trabalho quando os patrões instituíssem

²¹⁸DIAS, Everardo. *História das lutas sociais no Brasil*. São Paulo: Editora Alfa-Omega, 1977, p. 56 e 57.

²¹⁹SAMIS, Alexandre e RAMOS, Renato. *Domingos Passos: o Bakunin brasileiro*. São Paulo: Faisca Publicações Libertárias, 2009, p. 4.

oito horas de trabalho diárias, salário de oito mil réis, abolição de trabalho de menores e a responsabilidade patronal sobre os acidentes de trabalho. A Federação Operária do Rio de Janeiro se preparou para deflagrar uma greve geral no dia 22 de julho.²²⁰

A União Geral da Construção Civil, junto à Federação Operária do Rio de Janeiro e outras associações de resistência, declararam a greve geral na capital no referido dia. A repressão foi imediata. A polícia fechou várias sedes de sindicatos, destruindo-as. Porém a repressão não conseguiu impedir a eclosão da greve geral.²²¹

No dia 23 de julho 50 mil operários estavam em greve. Cerca de 20 mil metalúrgicos abandonaram o serviço. Alfaiates e entregadores de pão também decidiram aderir ao movimento. Sapateiros criaram, no dia 24, a União dos Cortadores de Calçados exigindo oito horas de trabalhos diários e 20 por cento de aumento salarial. Trabalhadores da companhia de tecidos América Fabril também entraram em greve exigindo 30 por cento de aumento salarial e escola para seus filhos. Os operários da Fábrica de Tecidos Aliança cruzaram os braços e exigiram aumento de 30 por cento e o fim dos castigos corporais.

Os locais de trabalho eram infectos, sem bebedouros ou chuveiros; existia apenas um buraco no chão que servia de privada, deixando que se espalhasse pela oficina um mal cheiro que nos dias de calor provocava náuseas... Certa vez, numa oficina da rua do Rosário, 109, vi um crioulinho que decepara o dedo fugir apavorado em direção à Santa Casa, com medo de ser punido pelo mestre. Não havia trabalho para operários idosos nem para quem usasse óculos. Vivíamos atormentados pela ideia de perdermos o emprego ou ficarmos doentes, apavorados com a proximidade da velhice, imensa fábrica de mendigos.²²²

Grupos de trabalhadores tomaram as principais ruas da capital convencendo trabalhadores de diversas categorias a entrarem na greve geral que estava em crescimento. No dia 24 de julho a polícia atacou com violência os grevistas. A multidão de trabalhadores se revoltou contra a violência policial e caminhou para o Largo de São Francisco, tradicional local de concentração de protestos populares do período. As forças de repressão impediram a entrada de operários e a realização de comícios no largo. A massa de trabalhadores amotinados se dirigiu para a sede da Federação Operária do Rio de Janeiro, no antigo Largo do Capim, e ali discursaram e analisaram o movimento grevista e sua conjuntura. Alguns achavam que o movimento grevista deveria ser

²²⁰DULLES, John W. F. *Anarquistas e comunistas no Brasil: 1900-1935*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977, p. 56 e 57.

²²¹SAMIS, Alexandre e RAMOS, Renato. *Domingos Passos: o Bakunin brasileiro*. São Paulo: Faísca Publicações Libertárias, 2009, p. 4.

²²²RODRIGUES, Edgard. *Alvorada operária*. Rio de Janeiro: Ed. Mundo Livre, 1979, p. 206-207, depoimento de Álvaro Córrea..

prudente, outros consideravam que a violência policial exigia uma radicalização do movimento. Ao mesmo tempo, em alguns lugares da cidade, outros grupos realizaram depredações. Na Avenida Marechal Floriano Peixoto aconteceu outro confronto de policiais contra populares.

No dia 25 de julho o chefe de polícia, Aurelino Leal, foi categórico em afirmar que a polícia usaria de maior violência repressiva para acabar com os distúrbios na capital.²²³ Na prática, a burguesia temia o pior: a deflagração de um processo revolucionário, conforme os princípios do sindicalismo revolucionário. O Estado passou a reprimir com violência qualquer anormalidade à ordem burguesa. Aurelino Leal afirmou que:

as autoridades não podem assistir impassíveis os acontecimentos desta ordem, agravados ontem pelos gritos subversivos e depredações... A polícia proíbe manifestações tendenciosas pelas ruas da cidade, em que já se sente atmosfera de pânico.²²⁴

Ainda no dia 25 de julho, seguindo a orientação governamental para o recrudescimento da repressão governamental contra a greve geral, a polícia reprimiu com violência uma manifestação dos grevistas que acontecia em frente à Central de Polícia. A cavalaria atacou os populares com violência, porém a massa de operários reagiu com pedradas. Trabalhadores foram brutalmente atingidos, o comandante da cavalaria foi gravemente ferido na cabeça, muitos grevistas foram presos e outros se dispersaram. No dia seguinte as autoridades anunciaram que o exército estava vigiando e protegendo a sede da Companhia Light & Power e as docas. Afirmaram que onze policiais da brigada policial estavam sendo medicados no pronto-socorro municipal devido aos violentos enfrentamentos entre policiais e operários nos dias anteriores. Não ficou registrado o número de operários atingidos pelas forças policiais.²²⁵

Na sede da Federação Operária do Rio de Janeiro foi anunciado que todos os operários da capital, independente de classe, estavam em greve. O chefe de polícia Aurelino Leal informou ao presidente Venceslau Brás que havia solicitado o fechamento da sede da Federação Operária e do Centro Cosmopolita, pois serviam de base para os operários insurgentes e estes haviam recebido a polícia a tiros. A solicitação foi atendida. Aurelino explicou que tal medida atendia a uma necessidade, pois a maioria dos operários era estrangeira, baseada no Centro Cosmopolita. Os operários teriam atingido as autoridades com pedradas e tiros. Afirmou que:

Não convém esquecer que foi na Federação Operária que, em maio desse ano, se pregou o assassinato do chefe de polícia; que

²²³DULLES, John W. F. *Anarquistas e comunistas no Brasil: 1900-1935*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977, p. 58.

²²⁴Correio da Manhã (25/07/1917).

²²⁵DULLES, John W. F. *Anarquistas e comunistas no Brasil: 1900-1935*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977, p. 58.

foi uma comissão desta mesma entidade que se portou inconvenientemente no palácio presidencial, dizendo que ia mais impor do que pedir ao chefe do Estado uma determinada providência...²²⁶

A Federação Operária era e é o centro dos anarquistas do Rio de Janeiro, de organização dúbia, se não escusa, e onde, na opinião de vários operários honestos, se explora a boa fé dos trabalhadores incautos.²²⁷

O movimento grevista continuou se fortalecendo no Rio de Janeiro, com a adesão de vários operários e também de trabalhadores da limpeza pública. Percebendo que somente a repressão não acabaria com a revolta operária, vários patrões resolveram negociar com representantes dos operários de diferentes categorias. Assim o proletariado alcançou vitórias parciais referentes aos aumentos salariais, horas diárias de trabalho e que nenhum trabalhador poderia ser desempregado por ter participado do movimento grevista.²²⁸

Foi a maior greve geral da história do país. Assustou as autoridades e a burguesia da capital da República e de São Paulo. Os resultados alcançados foram diferenciados de acordo com cada categoria com vitórias parciais alcançadas. A greve geral de 1917 proporcionou grandes possibilidades organizacionais para o movimento operário, novos sindicatos surgiram e os antigos alcançaram grande crescimento. Em São Paulo a Federação Operária foi reconstituída, unindo-se a ela dezesseis sindicatos e oito Ligas Operárias.²²⁹

A greve geral coincidiu com o clima de xenofobia que estava se desenvolvendo devido ao conflito mundial. Muitos estrangeiros eram alvos em potencial de perseguição e preconceito, principalmente o imigrante alemão, pois alguns meses antes, em abril de 1917, o governo brasileiro tinha rompido relações comerciais e diplomáticas com a Alemanha. As autoridades usaram o clima de guerra para criminalizar parte do movimento operário, pois muitos líderes operários foram acusados de serem marionetes da máquina de guerra alemã. Aproveitando o clima patriótico a favor da guerra, o governo de São Paulo se empenhou para punir as lideranças do movimento operário. Com a declaração do estado de sítio por causa da entrada do Brasil na Primeira Guerra, os governantes utilizaram a situação para agir de forma contundente contra o movimento operário.²³⁰

Já em agosto, as autoridades paulistas se empenharam para esmagar o movimento e seu vertiginoso crescimento. Os governantes do Rio de Janeiro procederam da mesma forma. Sindicatos foram ameaçados de fechamento

²²⁶Correio da Manhã (26/07/1917).

²²⁷Ibidem, (26/07/1917).

²²⁸DULLES, John W. F. *Anarquistas e comunistas no Brasil: 1900-1935*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977, p. 59.

²²⁹MARAM, Sheldon Leslie. *Anarquistas, imigrantes e o movimento operário brasileiro (1890-1920)*. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1979, p. 136.

²³⁰DULLES, John W. F. *Anarquistas e comunistas no Brasil: 1900-1935*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977, p. 59-61.

caso seus militantes anarquistas não fossem expulsos. As sedes dos sindicatos foram invadidas, fechadas a cadeado, as cadeias ficaram cheias de operários atuantes no movimento sindical. No final desse ano, foi aprovado um aumento de 16% na verba destinada ao exército estadual e foram contratados mil novos soldados. A greve geral levou as autoridades a investir e aprimorar as forças policiais e militares.²³¹

Edgard Leuenroth foi preso, acusado de ser o mentor do movimento grevista. Somente seis meses depois foi liberto, após exaustiva atuação dos advogados Evaristo de Moraes e José Adriano Marrey Júnior. Da mesma forma o governo paulista se mobilizou para expulsar 20 imigrantes militantes anarquistas. Evaristo de Moraes atuou novamente, em favor dos líderes anarquistas. Alegou que o decreto de 1907 garantia o direito de ambos continuarem no Brasil, pois aqui viviam há dois anos interruptos e assim estariam em situação legítima no Brasil. Mesmo assim o governo paulista se preparou para deportar vários militantes anarquistas a bordo do navio *Curvello*, que estava em Santos. Entre eles estavam Florentino de Carvalho. Curiosamente Gigi Damiani não estava entre os deportados. O navio tinha como destino Nova York, porém ao chegar na Ilha de Barbados os prisioneiros foram desembarcados. Em novembro de 1917, o Supremo Tribunal Federal julgou o caso em segunda instância dando ganho de causa para os operários.²³²

²³¹MARAM, Sheldon Leslie. *Anarquistas, imigrantes e o movimento operário brasileiro (1890-1920)*. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1979, p. 137.

²³²DULLES, John W. F. *Anarquistas e comunistas no Brasil: 1900-1935*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977, p. 59-61.

25. AS GREVES E A INSURREIÇÃO ANARQUISTA DE 1918

Em 1918 o movimento operário ainda vivia as consequências da greve geral do ano anterior. As autoridades e patrões ficaram traumatizados com a mobilização operária do ano anterior. Na capital da República, vitrine do país, qualquer possibilidade de agitação operária preocupava o chefe de polícia Aurelino Leal, que ficava de sobreaviso. O ano de 1918 trouxe grandes expectativas para os operários, pois agora o maior país do mundo era governado pelo proletariado. Correspondendo, em parte, a essas expectativas, o ano de foi de grandes agitações operárias no Brasil. O sindicalismo revolucionário ganhava cada vez mais força, pois o movimento operário brasileiro acreditou que a Rússia estava legando ao mundo o exemplo de que era possível acabar com o capitalismo e libertar o ser humano dos grilhões da exploração material. Seria questão de organização e mobilização do proletariado.

Em todo o Brasil o custo de vida estava oneroso para os trabalhadores. O custo de vida aumentava e o poder de compra dos baixos salários dos operários não o acompanhava. De 1914 a 1918 o poder aquisitivo dos salários caiu consideravelmente.²⁵⁹ A respeito da carestia que atingiu os trabalhadores no ano de 1918, assim escreveu Astrojildo Pereira no segundo número do jornal anarquista *Crônica Subversiva*:

Não há escassez de produção. Ao contrário, há aumento sensível, segundo se verifica em estatísticas publicadas. Não é, pois, devido a escassez de gêneros que o preço destes tem subido a alturas jamais alcançadas até hoje. (...).²⁶⁰

Agravando essa inóspita situação, a economia brasileira passava por um período de recessão econômica. Em parte a Primeira Guerra Mundial contribuiu indiretamente para a eclosão de uma crise econômica. A recessão econômica que atingiu o setor dos trabalhadores têxteis. Os trabalhadores da indústria têxtil tradicionalmente faziam parte de uma categoria bem organizada. Porém a recessão trouxe como consequência cortes nos salários dos operários. Outro fator que contribuiu ainda mais para o agravamento das condições de vida da classe trabalhadora foi o surto da famosa “gripe espanhola”. Em outubro de 1918 a cruel e devastadora gripe atingiu parte da população brasileira e ceifou as vidas de 12.221 pessoas. A maior parte da população atingida pela gripe foram pessoas pobres, operários que viviam em cortiços, submetidos à insalubres condições de vida, sem a mínima condição de assis-

²⁵⁹ADDOR, Carlos Augusto. *A insurreição anarquista no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Ed. Dois Pontos, 1986, p. 62.

²⁶⁰*Crônica Subversiva* n° 2 (08/06/1918).

tência sanitária e condições de higiene adequadas para a sobrevivência em uma grande capital.²⁶¹

Logo no dia 20 do primeiro mês do ano, anarquistas da capital federal se reuniram e criaram a Aliança Anarquista do Rio de Janeiro. Tinha por objetivo “congregar esforços na propaganda geral e básica da anarquia, sempre que isso se tornar oportuno e necessário”. Em seu processo de criação também ficou decidido que seria realizada uma “publicação mensal de um boletim, ao qual se dará uma feição serena e principalmente documentária”. Assim foi criado o *Boletim da Aliança Anarquista do Rio de Janeiro* com o objetivo de ser o instrumento de difusão da organização recém-criada. Logo em seu primeiro número ficou claro o objetivo da Aliança Anarquista:

Atendendo o apelo de alguns camaradas, os militantes anarquistas residentes nesta cidade, em sua grande maioria, compareceram a uma reunião convocada para o dia 20 de janeiro último, na qual se tratou de dar por terminadas as discussões estéreis travadas em torno do tema ‘anarquismo e sindicalismo’, constituindo-se, em consequência, a Aliança Anarquista do Rio de Janeiro, organismo de espírito largo e amplo, genérico e fundamental. A Aliança Anarquista não é propriamente uma agrupação no sentido restrito e comum das agrupações libertárias: é antes um órgão de união, de entendimento, de aliança entre todos os anarquistas do Rio de Janeiro formados em grupos ou não. O seu fim é congregar esforços na propaganda geral e básica da anarquia, sempre que isso se tornar oportuno e necessário. Uma reduzida comissão de relações ficou logo escolhida, resolvendo-se também a publicação mensal deste BOLETIM, ao qual se dará uma feição serena e documentária.²⁶²

Após as festividades do carnaval, a partir do mês de março o movimento operário passou a se mobilizar efetivamente. O governo federal utilizou o estado de sítio para reprimir o movimento operário. Todas as federações operárias foram fechadas no país. A Federação Operária do Rio de Janeiro já havia sido fechada em agosto de 1917 pela repressão que atingiu o movimento operário após a greve de 1917. Devido a isso, foi criada a União Geral dos Trabalhadores, reunindo sindicatos da capital federal. Reuniu o Centro Operário dos Marmoristas, União Geral da Construção Civil, Sindicato dos Marceneiros, Liga Federativa dos Empregados em Padarias, Sindicato dos Vassoureiros, Sindicato dos Entalhadores. A UGT foi fundada em 19 de março de 1918 na sede da Federação Operária. Se tornou a nova referência de luta dos operários por melhores dias.²⁶³ Foi uma mudança de nome, de denominação, mas na prática o funcionamento continuava como antes. O *Jornal*

²⁶¹ADDOR, Carlos Augusto. *A insurreição anarquista no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Ed. Dois Pontos, 1986, p. 62 e 65.

²⁶²Boletim da Aliança Anarquista do Rio de Janeiro, n° 1, fevereiro de 1918.

²⁶³BANDEIRA, Moniz. *O ano vermelho*. São Paulo: Expressão Popular, 2004, p. 163.

do Brasil assim informou o processo de transição nominal da Federação Operária do Rio de Janeiro para União Geral dos Trabalhadores:

A comissão federal da Federação Operária do Rio de Janeiro discutiu e aprovou todos os atos da comissão pró-unificação, dando por terminada a missão desse organismo (FORJ), por compreender que a nova União está de acordo com as aspirações dos trabalhadores conscientes.²⁶⁴

A mobilização e estratégia de luta continuavam anarquistas. A ação direta continuava a ser o principal método de atuação dessas organizações. Nela estavam incluídas diversas formas de luta como passeatas, comícios, greves, sabotagem, boicote e em algumas situações a utilização de bombas. O objetivo era a greve geral para a deflagração de um processo revolucionário. A mobilização dos trabalhadores e a radicalização do movimento operário preocupavam constantemente autoridades e patrões, pois poderiam chegar ao ponto de perder suas vidas através de atentados a bombas.²⁶⁵

Em abril aconteceu uma greve dos sapateiros na luta pelas 8 horas de trabalho diárias. Depois de 15 dias de greve os referidos trabalhadores conquistaram um novo regulamento estabelecendo 8 horas e meia de trabalho por dia. O Centro Cosmopolita aprovou integralmente as bases da União Geral dos Trabalhadores. Outras associações de trabalhadores também aderiram, com destaque para a União dos Alfaiates. Passaram a se organizar para as atividades referentes ao 1º de maio. A União dos Operários em Fábricas de Tecidos aumentou seu trabalho de organização dos trabalhadores do setor. Começam a surgir rumores na imprensa e entre os operários a respeito de uma nova greve geral, sob o assombro da conquista de poder bolchevique. Tais boatos assustaram as autoridades que pressionaram o chefe de polícia Aurelino Leal para agir. Foi convocada uma reunião na sede da polícia com uma comissão do Centro Cosmopolita. Porém o chefe de polícia não conseguiu persuadi-los a acalmar os trabalhadores. O secretário do Centro, Raymundo Martins, afirmou de forma desafiadora, que seriam os trabalhadores que decidiriam pela possibilidade da greve geral. Três dias depois estava preso.²⁶⁶

Aurelino Leal abriu um inquérito sobre a União Geral dos Trabalhadores. Tinha por objetivo saber os objetivos e a ideologia que predominavam na organização. Era necessário investigar a ligação da FORJ com a UGT, se haviam estrangeiros integrando a nova organização operária e qual o tempo destes no Brasil. As autoridades entendiam a repressão como única resposta à mobilização operária.²⁶⁷

²⁶⁴Jornal do Brasil (19/03/1918).

²⁶⁵BANDEIRA, Moniz. *O ano vermelho*. São Paulo: Expressão Popular, 2004, p. 162 e 163.

²⁶⁶MARAM, Sheldon Leslie. *Anarquistas, imigrantes e o movimento operário brasileiro (1890-1920)*. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1979, p. 137.

²⁶⁷ADDOR, Carlos Augusto. *A insurreição anarquista no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Ed. Dois Pontos, 1986, p. 135 e 136.

No Rio de Janeiro as comemorações do 1º de maio foram distintas das comemorações dos demais anos, pois não aconteceram somente os tradicionais protestos de trabalhadores e manifestações de solidariedade ao primeiro governo proletário russo. O governo brasileiro utilizou o Estado de Sítio para proibir o acesso de cidadãos às ruas. A determinação governamental, através do chefe de polícia, era de que a data fosse comemorada apenas entre quatro paredes. O objetivo era impedir a publicidade de manifestações públicas de trabalhadores no dia 1º de maio. Ainda mais após os trabalhadores conquistarem o poder na Rússia e colocarem uma pá de cal sobre o capitalismo naquele país. Porém várias organizações proletárias não respeitaram a determinação governamental e saíram às ruas para se manifestar na importante data.

A União Geral dos Trabalhadores do Rio de Janeiro convocou os trabalhadores para se reunirem e se manifestarem nesse 1º de maio. Os operários atenderam a convocação, desafiaram tal proibição e se reuniram no teatro *Maison Moderne*²⁶⁸, localizado na Praça Tiradentes. Realizaram uma assembleia onde protestaram contra a exploração capitalista, declararam total solidariedade de classe aos trabalhadores ao redor do mundo, condenaram o genocídio causado pela ganância imperialista da Primeira Guerra Mundial, fizeram votos de uma paz firmada entre os trabalhadores do mundo e manifestaram simpatia pelo povo russo em luta contra o Estado e o capitalismo. A fala de abertura foi feita por Carlos Dias que apontou para a necessidade da revolução social. Foram feitos discursos de apoio a Ferrer assassinado pelo governo espanhol alguns anos antes. Os mártires de Chicago foram lembrados. Também houve a declaração de que todos os presentes eram brasileiros, uma resposta direta à imprensa brasileira que fazia circular a ideia do movimento operário brasileiro como uma criação de trabalhadores estrangeiros anarquistas e desajustados. Aos poucos a massa de operários ficou inflamada. O acadêmico anarquista Álvaro Palmeira pediu a palavra e afirmou de onde estava que “a ideia perseguida é a que vence”. José Elias, um dos futuros fundadores do PCB, também agitou as massas presentes quando se declarou anarquista e brasileiro de nascimento. Durante sua fala, agentes policiais presentes tentaram tumultuar a assembleia. O comandante da Polícia Militar, major Bandeira de Melo foi vaiado pela multidão presente.²⁶⁹

Foram aprovadas moções de protestos contra a violência que ceifou a vida dos mártires de Chicago, de repúdio contra a guerra, apoio aos revolucionários russos e solidariedade operária. A reunião acabou por volta das 16

²⁶⁸O teatro *Maison Moderne* estava localizado na rua Espírito Santo, esquina com a Praça Tiradentes. Propriedade da família de origem italiana Segretto. Pertencia a Paschoal Segretto, irmão de Gaetano Segretto. A família Segretto introduziu o cinema no Brasil e se dedicou ao ramo das diversões na capital da República no início do século passado. A rua Espírito Santo passou a se chamar Luís Gama e depois Pedro I. Atualmente a área do teatro é ocupada por um prédio de apartamentos chamado Gaetano Segretto.

²⁶⁹BANDEIRA, Moniz. *O ano vermelho*. São Paulo: Expressão Popular, 2004, p. 157 e 158.

horas de forma pacífica.²⁷⁰ No dia seguinte às manifestações do 1º de maio daquele ano, o jornal *A Razão* publicou uma mensagem do Centro Panifício, que representava os trabalhadores das padarias:

É hoje o dia do sufrágio universal de todo proletariado como protesto à brutalidade do capitalismo. A magia que toda a matilha (de patrões) sonhava está sendo banida; a aurora reivindicadora que se estende em toda a Rússia não tardará esse facho luminoso a chegar ao continente americano. O prosseguimento desta guerra é o fim dos castelos do capitalismo. Todas as nacionalidades têm de passar pela mesma fase da Rússia, que é o caminho nobilíssimo da grande caminhada.²⁷¹

Mesmo com o decorrer do conflito mundial era marcante a independência de classe do proletariado brasileiro em relação a posição oficial do Itamarati. O movimento operário não respondeu positivamente aos apelos nacionalistas implementados pelo governo através dos meios de comunicação da época. A consciência e interesses de classe eram o que realmente importava para os trabalhadores. A postura pacífica do movimento operário foi acusada de traição à pátria, como ficou registrada na nota que o Centro Industrial Gráfico emitiu a respeito: “traidores da pátria”.²⁷²

As manifestações do Primeiro de Maio aconteceram em diferentes regiões do Estado do Rio de Janeiro. Os operários de pedreiras saíram às ruas com bandeiras vermelhas da Praça Tiradentes até a Central cantando o hino da *Internacional*²⁷³, saudando os trabalhadores russos e gritando palavras de ordem de luta dos operários contra a exploração capitalista. Carregavam faixas pela jornada de trabalho de 8 horas de trabalho diário. Realizaram um comício em Madureira. Em Niterói, no Largo das Neves, houve tumulto entre trabalhadores e a polícia. Um soldado chamado Inocêncio Luís Rodrigues se solidarizou com os operários e feriu o comissário de polícia. A mobilização proletária alcançava até mesmo os soldados. A Liga dos Sapateiros, a dos Cocheiros, a Resistência do Café, tecelões, carpinteiros navais, marceneiros, remadores e estivadores também realizaram manifestações públicas no dia 1º de maio.

Alguns deputados também participaram das comemorações do 1º de maio. Afirmaram que direitos trabalhistas eram necessários para a regulação das relações de produção no país e que a Revolução Russa era uma vitória do povo russo. O deputado federal Metello Júnior compareceu na manifestação do 1º de maio convocada pela Liga dos Sapateiros e proferiu um discurso a favor dos trabalhadores, apontando a conquista de poder bolchevique como

²⁷⁰ADDOR, Carlos Augusto. *A insurreição anarquista no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Ed. Dois Pontos, 1986, p. 143.

²⁷¹*A Razão* (02/05/1918).

²⁷²BANDEIRA, Moniz. *O ano vermelho*. São Paulo: Expressão Popular, 2004, p. 158.

²⁷³Hino conhecido com *A Internacional* foi criado em 1871 pelo francês Eugene Pottier, que havia participado da Comuna de Paris. Socialistas, anarquistas e comunistas o utilizam. A União Soviética o adotou como hino nacional até a década de 1940.

uma consequência da fome e da miséria. Afirmou que o Congresso Nacional aprovaria o Código do Trabalho, e assim as relações de trabalho seriam legalizadas, impedindo a intensa exploração do patronato. Segundo ele, somente dessa forma os interesses patronais e a repressão policial deixariam de ser as únicas regras nas relações de produção. Foi um projeto de lei criado pelo deputado Maurício de Lacerda, uma espécie de embrião da CLT, porém nunca foi votado. O deputado Maurício de Lacerda esteve presente na sede Beneficente 1º de Maio, onde fez um discurso elogiando a Revolução Russa, pois foi “a revolução que elevou os pequenos e deu à maioria operária o seu verdadeiro lugar na organização social das nações livres”.²⁷⁴

A principal bandeira de luta do movimento operário brasileiro no ano de 1918, continuava a ser a jornada de 8 horas de trabalho diário. Porém décadas de luta proletária já estavam surtindo resultado para algumas categorias de trabalhadores. A influência da revolução bolchevique era preocupante, pois os trabalhadores russos apoiaram os bolcheviques trabalhando apenas 42 horas semanais, imagina o que poderiam fazer os trabalhadores brasileiros, revoltados, trabalhando o dobro dessa carga horária? O prefeito do Rio de Janeiro, Paulo de Frontin, concedeu as 8 horas para os trabalhadores municipais. O presidente da República Venceslau Brás decidiu por 8 horas e meia de trabalhos diários para os trabalhadores de calçados. Os marítimos do Lóide também conquistaram a almejada carga horária, após constantes lutas contra seus patrões. Outros empregadores decidiram aceitar à insistente reivindicação dos operários por tal carga horária.²⁷⁵

A União Geral da Construção Civil e o Centro Cosmopolita, os dois mais importantes sindicatos representantes do sindicalismo revolucionário, tentaram influenciar a elaboração e aprovação do Código de Trabalho proposto por Maurício de Lacerda. Essas organizações operárias pressionaram a votação desse projeto de leis que regulariam as relações de produção, com o objetivo de que contemplassem algumas importantes reivindicações do movimento operário.²⁷⁶ O referido projeto de lei também foi tema de um artigo de Astrojildo Pereira no jornalzinho que publicava sozinho, *Crônica Subversiva*:

É o grande assunto do momento. No parlamento e na imprensa, nas rodas grandes e nas pequenas, toda a gente burguesa reconhece e proclama a urgentíssima necessidade de se regulamentarem as condições de trabalho operário... É interessante notar que só agora tenha a burguesia do Brasil reconhecido essa necessidade. Há duas dezenas de anos que os anarquistas e alguns socialistas, incansavelmente, tem malhado e remalhado essa questão (...).²⁷⁷

²⁷⁴BANDEIRA, Moniz. *O ano vermelho*. São Paulo: Expressão Popular, 2004, p. 160 e 161.

²⁷⁵*Ibid.*, p. 161.

²⁷⁶MARAM, Sheldon Leslie. *Anarquistas, imigrantes e o movimento operário brasileiro (1890-1920)*. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1979, p. 83.

²⁷⁷*Crônica Subversiva* n° 1 (01/06/1918).

Porém essas foram conquistas pontuais de algumas categorias de trabalhadores. A grande maioria dos empregadores permanecia insensível às inóspitas condições de vida e de trabalho da classe trabalhadora. Assim em meados de 1918 estavam em greve, lutando pelas 8 horas de trabalho diárias os gráficos da ilha do Viana, da firma Lage & Irmãos. Foi convocado um boicote desses produtos pelo sindicato. Prática comum no período. A mobilização operária estava crescendo. Na Cervejaria Brahma acontecia uma greve parcial. Os sapateiros estavam em confronto com os diretores das fábricas Cleveland e Colombo. Os trabalhadores da Light também entraram em choque com o patronato na luta por melhores salários e a tão almejada diminuição da jornada de trabalho.

Diante desse quadro de crise econômica e de recessão que assolava o país, o governo decidiu criar, em 12 de junho, o Comissariado de Alimentação Pública através do decreto 13.069. Mesmo assim os anarquistas continuaram seu trabalho de mobilização operária. O Grupo Anarquista Germinal promoveu um festival de teatro, onde foram apresentadas as peças *Ferro em Brasa*, *Ninete* e *Náufrago*. Também foi realizado um baile familiar e uma conferência sobre a revolução bolchevique, proferida por Álvaro Palmeira, intitulada *a revolução maximalista e sua repercussão no mundo*. Também foi inaugurada uma sede da UGT no bairro carioca da Piedade. Foi criado o Sindicato Profissional da Indústria Têxtil. Também a União Geral dos Metalúrgicos ampliou seu trabalho de organização operária abrindo frentes na Piedade e em Niterói.²⁷⁸

Assim como a União Geral da Construção Civil criou uma sucursal suburbana. Em 26 de junho de 1918 a União Geral da Construção Civil, na qual militava Domingos Passos, mudou seu nome para União dos Operários da Construção Civil (UOCC).²⁷⁹

Nos últimos dias de junho os marceneiros entraram em greve reivindicando as almeçadas 8 horas de trabalho. Em julho chegam a um acordo com os patrões. Em julho dois mil tecelões da fábrica de tecidos Confiança Industrial entraram em greve. Suas principais exigências eram a redução da jornada de trabalho, aumento salarial, readmissão de 32 trabalhadores demitidos e suspensão dos serões. No dia 8 de julho a greve ganhou maiores proporções com outras fábricas aderindo ao movimento grevista. Trabalhadores de outras categorias também entraram em greve: operários marmoristas, carvoeiros, estivadores e chapeleiros da fábrica Botafogo. No dia 12 a União dos Operários em Fábricas de Tecidos e os industriais entraram em acordo para acabar com a greve. Ficou decidido que os serões seriam suspensos, os operários demitidos seriam readmitidos.²⁸⁰ Assim registrou Astrojildo Pereira no periódico *Crônica Subversiva*:

²⁷⁸ADDOR, Carlos Augusto. *A insurreição anarquista no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Ed. Dois Pontos, 1986, p. 144.

²⁷⁹SAMIS, Alexandre e RAMOS, Renato. *Domingos Passos: o Bakunin brasileiro*. São Paulo: Faísca Publicações Libertárias, 2009, p. 5.

Um movimento belo, pela rapidez e pela segurança, esse dos operários da fábrica de tecidos Confiança Industrial. Greve de solidariedade, a sai vitória absoluta, é uma vitória incontestada da força da solidariedade. Motivou a greve a despedida arbitrária e injusta de 32 operários. O restante do pessoal, solidário com os companheiros despedidos, paralisou o trabalho e exigiu a imediata readmissão de todos eles. (...).²⁸¹

Em meados de julho circularam novos boatos de uma greve geral. Ela seria puxada pelos trabalhadores tecelões com adesão de todas as associações operárias filiadas a UGT. No dia 22 terminou a greve dos chapeleiros da fábrica Botafogo na qual foi conquistado aumento salarial. No dia 29 terminou a greve dos estivadores e também foi alcançado maior salário para a categoria. Assim escreveu Astrojildo Pereira no jornal *Crônica Subversiva*:

Greve dos tecelões. Greve de leiteiros. Greve de trapicheiros. Greve de carvoeiros. Greve nas oficinas Trajano de Medeiros. Greves, greves, greves... contínuas, diárias, crescentes, em todas as classes operárias, em todos os ramos de trabalho... É o sintoma decisivo para a caracterização do mal estar presente. Estas greves de agora são movimentos absolutamente espontâneos, surgidos irresistivelmente aqui e ali, num ponto e noutro: prova material da generalização da angústia e do descontentamento que minam as classes operárias. (...).²⁸²

Em agosto de 1918 aconteceu a famosa greve da Cantareira. A Companhia Cantareira e Viação Fluminense, de propriedade de ingleses, tinha o monopólio dos transportes de bondes e das barcas que cruzavam a Baía de Guanabara ligando o Distrito Federal a Niterói. Em julho os empregados que operavam os bondes receberam um aumento de 15% para os casados e 10% para os solteiros. Os empregados marítimos da companhia, haviam recebido um aumento salarial em fevereiro de 1918. Porém acreditaram que receberiam o novo aumento de julho. O custo de vida só crescia e as condições de vida dos trabalhadores só pioravam. Ao receberem seus salários sem o novo aumento, os trabalhadores marítimos se revoltaram por não terem sido contemplados e resolveram entrar em greve no início de agosto. A greve dos trabalhadores das barcas e trabalhadores urbanos de Niterói foi sufocada da mesma forma, com intensa violência pela Força Pública. A Brigada Policial do Distrito Federal e a Capitania dos Portos passaram a operar as barcas e assim aliviar a pressão da greve dos marítimos. Porém trabalhadores de diversas categorias também resolveram entrar em greve exigindo aumento salarial e por solidariedade aos motorneiros e condutores dos bondes da Cantareira em Niterói. Aconteceram violentos confrontos entre a polícia e os trabajado-

²⁸⁰ADDOR, Carlos Augusto. *A insurreição anarquista no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Ed. Dois Pontos, 1986, p. 144 e 145.

²⁸¹Crônica Subversiva nº 07 (13/07/1918).

²⁸²Crônica Subversiva nº 10 (03/08/1918).

res grevistas. Várias lojas fecharam suas portas mais cedo por causa da pressão dos populares em apoio aos grevistas. Na noite de 6 de agosto foi necessário a cavalaria para dispersar a multidão com violência. Os trabalhadores insurgentes ganharam ainda mais força quando vários soldados do 58º Batalhão dos Caçadores do Exército passaram para o lado da população revoltada. O carro que trazia o comandante da polícia militar foi recebido por uma chuva de pedras. As autoridades correram para acusar os anarquistas de terem asediado os soldados do 58º Batalhão dos Caçadores do Exército. Na noite do dia seguinte uma enorme multidão de trabalhadores grevistas, populares revoltados e militares insurgentes do 58º Batalhão se concentrou na Rua da Conceição e lançou gritos anarquistas de morte à polícia, aos governos constituídos, de viva o anarquismo e o internacionalismo.

A cavalaria policial tratou de reprimi-los com violência e o confronto terminou em tiroteio a ponto de a munição da cavalaria se esgotar. Assim a cavalaria teve de ser substituída pela infantaria da polícia estadual. Doze policiais e um número desconhecido de trabalhadores e militares rebelados do exército saíram feridos. Houve duas mortes entre os sublevados: Nestor Pereira da Silva, soldado do 58º Batalhão e o civil José Oliveira do Amaral. Um ex-condutor de bondes da Cantareira entregou à polícia uma carta endereçada a Astrojildo Pereira, com o número do telefone do Centro Cosmopolita. Assim dizia a carta: “Nem podes imaginar como vão as coisas. A polícia atacou indiscriminadamente soldados do 58º e populares. Amanhã eles farão somente o policiamento”. Astrojildo Pereira e vários anarquistas foram presos. A polícia militar ganhou reforço do Terceiro Regimento de Infantaria do Exército para reforçar as ruas de Niterói. No dia 8 de agosto a paz voltou para as ruas de Niterói, mas o comércio continuou fechado e luzes foram acessas em frente as fachadas dos prédios em homenagem aos mortos. Durante o cortejo fúnebre de Nestor Pereira os operários foram proibidos de discursar. Durante o enterro chegou a notícia de que outro militar do 58 havia falecido: o cabo Antônio Lara França. No dia 9 de agosto o comércio reabriu suas portas sob proteção das forças policiais. Os operários tentaram negociar o fim da greve, pedindo um aumento de 8 a 10 por cento e a empresa recusou o pedido. Mesmo assim os trabalhadores encerram a greve e voltaram ao trabalho. Novamente os anarquistas foram acusados de estarem por trás do movimento grevista. Pessoas foram presas, entre elas vários militantes libertários, como João da Costa Pimenta, que havia sido padeiro em Campos, mudando-se depois para a capital federal, onde militou no Centro Cosmopolita. Era operário gráfico.²⁸³

A condição de vida da classe operária piorava cada vez mais. Em setembro o custo de vida continuava aumentando. Os preços dos gêneros alimentícios cresciam atingindo diretamente as famílias operárias. Os boatos a respeito da greve continuaram circulando. Patrões e governo se mobilizaram

²⁸³DULLES, John W. F. *Anarquistas e comunistas no Brasil: 1900-1935*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977, p. 64-66.

para impedir que uma nova greve geral não acontecesse. Alguns operários foram presos preventivamente a mando de Aurelino Leal. A grande imprensa publicou matérias em seus jornais com o intuito de acalmar o proletariado e criminalizar a militância sindical revolucionária.²⁸⁴ Assim publicou o *Jornal do Brasil*:

(...) nesse grave momento que atravessa o mundo (...) são inconvenientíssimos quaisquer atritos entre patrões e operários(...). O fermento anarquista, que é sombra do operário laborioso e honesto, atua com um só objetivo: perturbar a ordem jurídica, a paz pública, separando cada vez mais os dois elementos que se devem aproximar numa íntima colaboração – o capital e o trabalho. Contra esse elemento subversivo agirá o Governo com energia na defesa da ordem.²⁸⁵

Porém o trabalho de organização do proletariado através de sindicatos continuou crescendo. Foi fundada a União dos Empregados em Tinturaria. Um artigo de Astrojildo Pereira, publicado na *Crônica Subversiva*, no final de setembro, registrou o aumento da organização do movimento operário:

Não só no Rio verifica atualmente, este promissor reerguimento das energias proletárias. Pelos estados fora, principalmente, como é natural, nas cidades mais industriosas, vai a classe operária reforçando-se nas organizações de classe, sistemáticas e solidárias. Movimentos e agitações se manifestam, aqui e ali, demonstrando vitalidade e consciência. (...) Enfim: há que rejubilar-se ante a aura renovadora, a aura vivificante, a aura fecunda que perpassa, de norte a sul, pela massa proletária do Brasil... A grande hora se aproxima amigos!²⁸⁶

Em outubro a “gripe espanhola” se espalhou pelo país. A epidemia atingiu principalmente os trabalhadores e segmentos mais pobres da sociedade. No dia 15 o *Jornal do Brasil* publicou uma matéria sobre o Distrito Federal com o seguinte título: “Pânico na cidade – indolência, imprevidência ou incompetência da Saúde Pública?”²⁸⁷

O alastramento da epidemia dificultou o trabalho de mobilização operária. No fim de outubro diversas organizações operárias criaram o Comitê Pró-Combate à Epidemia com objetivo de organizar os trabalhadores para combater a peste. Com a chegada da epidemia a vida dos trabalhadores ficou ainda mais dura.²⁸⁸ A epidemia atingiu todo o país. No Rio Grande do Sul, em Porto Alegre, surgiu a União Maximalista. Foi um dos primeiros grupos operários que buscou se aproximar da ideologia marxista no Brasil. A União Ma-

²⁸⁴ADDOR, Carlos Augusto. *A insurreição anarquista no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Ed. Dois Pontos, 1986, p. 153.

²⁸⁵Jornal do Brasil (21/08/1918).

²⁸⁶Crônica Subversiva nº 13 (21/09/1918).

²⁸⁷Jornal do Brasil (15/10/1918).

²⁸⁸ADDOR, Carlos Augusto. *A insurreição anarquista no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Ed. Dois Pontos, 1986, p. 158.

ximalista denunciou que as autoridades não se empenhavam em combater os efeitos da epidemia que acometia principalmente as pessoas pobres. Afirmou que o governo se empenhou para socorrer os ricos somente. Em Pernambuco a “gripe espanhola” acabou com a vida de duas mil pessoas em apenas uma semana, principalmente operários.²⁸⁹

Ao fim de 1918 a situação do proletariado brasileiro não poderia ser pior. Há décadas os operários eram intensamente explorados, a crise econômica, o aumento do custo de vida assediava os brasileiros, conseqüentemente os preços dos alimentos subiram e no fim do ano a gripe ampliou ainda mais a inóspita situação do proletariado. Nesse sofrido contexto a ideia de greve geral fazia sentido, já que as pessoas estavam submetidas a essa situação de penúria, miséria, exploração e desespero. Patrões diminuíram a produção devido à superestocagem das fábricas de algodão, e conseqüentemente os trabalhadores tiveram seus salários ainda mais reduzidos. Greves eclodiram em fábricas de tecidos. No dia 30 a União dos Operários em Fábricas de Tecidos encaminhou um ofício ao Centro Industrial solicitando o abono de 50% nos salários dos operários parados por causa da epidemia. Patrões e autoridades demonstraram grande despreparo e miopia em sua análise das condições materiais do proletariado, utilizando a polícia para reprimir e prender os trabalhadores que militavam no Comitê Pró-Combate à Epidemia. Não sabiam se relacionar de outra maneira com o movimento operário. Qualquer tipo de organização proletária deveria ser reprimida, mesmo que fosse criada para diminuir os efeitos da gripe espanhola. Com o uso da repressão contra Comitê Pró-Combate à Epidemia, as autoridades conseguiram piorar ainda mais esse contexto medonho.²⁹⁰

Dentro desse quadro de crise econômica e social, o Centro Industrial do Brasil promoveu uma reunião com os representantes das fábricas de tecidos. Enfatizaram que a conjuntura recessiva, crise do mercado fabril, o prejuízo financeiro ocasionado pela superestocagem das fábricas não lhes permitiam atender as reivindicações dos operários fabris encaminhadas pela UOFT.²⁹¹ Indignada com a ineficácia das negociações a União dos Operários em Fábricas de Tecidos declarou greve geral. Porém a greve não surtiu o efeito necessário, pois as fábricas estavam superestocadas e a recessão econômica criou a possibilidade de fechamento temporário das fábricas, reduzindo sua folha de pagamento em um momento tão delicado. A greve geral veio ao encontro dos interesses patronais.²⁹²

No dia 9 de novembro o Kaiser deixou de governar o país germânico. Alguns dias depois circularam notícias na grande mídia sobre a queda do

²⁸⁹BANDEIRA, Moniz. *O ano vermelho*. São Paulo: Expressão Popular, 2004, p. 167.

²⁹⁰ADDOR, Carlos Augusto. *A insurreição anarquista no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Ed. Dois Pontos, 1986, p. 158.

²⁹¹*Ibid.*, p. 161.

²⁹²MARAM, Sheldon Leslie. *Anarquistas, imigrantes e o movimento operário brasileiro (1890-1920)*. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1979, p. 138.

Kaiser e a revolução na Alemanha. O *Jornal do Brasil* noticiou: “a Revolução Proletária vitoriosa na Alemanha”.²⁹³ Com grande destaque também foi noticiado o fim da Primeira Guerra Mundial. A população do Rio de Janeiro foi para as ruas comemorar o fim do conflito mundial. Também era grande a expectativa em torno da posse do novo presidente da República Rodrigues Alves. No entanto, o presidente eleito estava enfermo e não pode tomar posse no dia 15 de novembro. Somente o vice-presidente Delfim Moreira pode ser empossado.

No final de 1918 os anarquistas do Rio de Janeiro avaliaram o contexto político, econômico e social como propício para a eclosão de uma greve geral que poderia culminar em um processo revolucionário. O mundo respirava a revolução russa. E o legado bolchevique mostrava o caminho para a derubada do capitalismo. No Brasil o movimento operário sindicalista revolucionário acreditou que havia chegado a hora, era possível o trabalhador se organizar para finalmente acabar com o capitalismo e criar uma sociedade libertária. Nesse momento os operários brasileiros acreditavam que a revolução bolchevique era libertária e se os russos a fizeram, os brasileiros também fariam.

Os militantes anarquistas preparavam a eclosão de um movimento revolucionário para a tomada de poder no coração da República assim como os russos haviam feito em São Petersburgo. Segundo Everardo Dias, ele seria iniciado no Rio de Janeiro para depois se espalhar por São Paulo e pelos estados onde houvesse movimento operário. Anarquistas, socialistas, líderes sindicais e até mesmo grupos democratas insatisfeitos com a situação do país se envolveram no planejamento do movimento revolucionário. Porém o 2º tenente do Exército Jorge Elias Ajus, infiltrou-se no movimento conspiratório e passou a informar diariamente a polícia os passos dos operários insurgentes. O jornal *Correio da Manhã* foi publicado o relatório do delegado auxiliar Nascimento Silva sobre o papel desempenhado pelo oficial infiltrado:

O 2º tenente do Exército, Jorge Elias Ajus, fingia-se conspirador e se intrometia nas reuniões sediciosas com o fim preestabelecido de fazer chegar ao conhecimento do chefe de polícia quanto sucedia. (...) ²⁹⁴

Em 18 de novembro os operários das fábricas de tecidos do Rio de Janeiro, Niterói, Petrópolis e Magé cruzaram os braços às 16 horas. Era o estopim para a eclosão do movimento revolucionário. Trabalhadores metalúrgicos e da União dos Operários em Construção Civil também aderiram ao movimento grevista. Em pouco tempo os operários convergiram em peso para o Campo de São Cristóvão. Por volta das 17 horas o local já estava tomado de trabalhadores. Autoridades tentavam controlar a situação. Assim registrou o *Jornal do Brasil*:

²⁹³*Jornal do Brasil* (11/11/1918).

²⁹⁴*Correio da Manhã* (29/12/1918).

Ontem, cerca das 17 horas, foram chegando ao Campo de São Cristóvão grupos de operários, que em atitude pacífica, iam cada vez mais engrossando a onda. A Polícia do 19º Distrito que tivera conhecimento antecipadamente desta reunião estava a postos (...).²⁹⁵

O local escolhido para a concentração operária foi o Campo de São Cristóvão por causa de sua proximidade com a Intendência de Guerra. Após ser conquistada pela massa operária, forneceriam armamentos e fardamento para os insurretos. Fardados os operários esperavam angariar apoio de muitos soldados. Unidos iriam para a cidade onde a prefeitura seria dinamitada, depois atacariam o Palácio da Polícia e depois o Quartel General da Brigada Policial. Enquanto isso outro grupo de operários da Gávea e Jardim Botânico atacariam o Palácio do Catete e logo depois a Câmara onde prenderiam os deputados. As torres da Light seriam dinamitadas para deixar a cidade sem luz.²⁹⁶

A polícia recebeu autorização para dissolver a massa operária que se concentrava no Campo de São Cristóvão. Policiais tentaram prender os operários que ali estavam reunidos, fato que enfureceu ainda mais os insurretos. Houve enfrentamentos entre operários e policiais. Quando a repressão utilizou armas de fogo para reprimir a multidão, os operários mostraram que estavam preparados para o embate. Se defenderam explodindo bombas de dinamite e atirando com armas de fogo. Os tiros foram trocados de ambos os lados. O 10º Distrito Policial foi invadido pelos operários que o destruíram em fúria. O general Almada, chefe da Intendência de Guerra mandou atirar contra os amotinados que tentassem a invasão para tomar as armas do Exército. A cavalaria do exército libertou a delegacia policial e muitos operários fugiram pelos fundos, adentrando em casas adjuntas à delegacia. As torres da Light foram dinamitadas. Do morro de Santa Tereza os operários arremessavam petardos contra o quartel da Polícia Militar na Evaristo da Veiga. A Brigada Policial chegou para auxiliar o Exército e os operários a receberam com uma bomba. A delegacia já estava nas mãos da Polícia e do Exército. Muitos operários fugiram de forma desorganizada. Um grande número se dirigiu para a Rua Figueira de Mello. Porém os soldados do Exército dispersaram os operários que estavam em fuga. Foi preso José Oiticica como chefe do movimento revolucionário.²⁹⁷

O 55º Batalhão de Caçadores ocupou estrategicamente as esquinas das principais ruas da região. No cruzamento das principais ruas havia uma força de 25 praças, comandada por um tenente. Bondes ficaram proibidos de circular nas ruas ocupadas. Botequins da região foram fechados para impedir aglomerações. Automóveis foram revistados. O Palácio do Catete reforçou

²⁹⁵ Jornal do Brasil (19/11/1918).

²⁹⁶ ADDOR, Carlos Augusto. *A insurreição anarquista no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Ed. Dois Pontos, 1986, p. 162 e 163.

²⁹⁷ BANDEIRA, Moniz. *O ano vermelho*. São Paulo: Expressão Popular, 2004, p. 180.

sua segurança que já contava com um pelotão do 9º de Caçadores e recebeu uma companhia de guerra do 56º Caçadores. O chefe de polícia Aurelino Leal foi elogiado pela burguesia por sua atitude enérgica contra os revoltosos. Tropas da Vila Militar ocuparam o centro têxtil de Bangu. A Marinha ocupou a Zona Portuária e as fábricas passaram a ser vigiadas pela Polícia Militar. Sedes de associações operárias foram invadidas e lacradas. Casas de militantes operários ou de suspeitos foram invadidas. Foram presos mais de cem operários com a possibilidade de serem enviados para a Ilha de Fernando de Noronha. A Marinha estava de sobreaviso com rebocadores vigiando a Baía de Guanabara com receio de algum atentado anarquista pelo mar. Os jornais da grande imprensa continuavam sua campanha xenófoba de associar o movimento operário com agitadores estrangeiros. Associavam os militantes anarquistas com agentes estrangeiros que supostamente haviam participado do levante. Assim publicou o *Jornal do Brasil*:

A polícia, devido aos últimos acontecimentos que alarmaram o país, colheu nas suas malhas quase 100 anarquistas, insistentes estimuladores dos desagradáveis movimentos por parte do nosso operariado. Entre esses homens, a mantenedora da ordem pública apenas encontrou um brasileiro, o que basta para deixar fora de dúvida que o anarquismo não encontra terreno propício no espírito dos trabalhadores nacionais".²⁹⁸

Essa notícia foi vinculada com objetivo de confundir a população brasileira e criminalizar o movimento operário como fruto de desajustados estrangeiros sem qualquer ligação com a cultura nacional. Porém os líderes do movimento foram José Oiticica, Astrojildo Pereira, João da Costa Pimenta e Agripino José, ambos brasileiros. Estudantes do Colégio Pedro II e da Escola de Medicina exigiram a liberdade do professor José Oiticica. Mesmo com toda repressão violenta do governo e com o fracasso do levante anarquista, metalúrgicos, tecelões e parte dos trabalhadores da construção civil continuaram de braços cruzados. Eram 20630 tecelões em greve. A UOFT orientava os grevistas a manterem a greve até conseguirem liberdade de pensamento, seis dias de trabalho por semana, salário-mínimo e 8 horas de trabalho por dia. No dia 22 de novembro, Delfim Moreira, presidente interino, assinou o decreto nº 13.295 que fechou a União Geral dos Trabalhadores, a União dos Operários em Fábricas de Tecidos, a União dos Operários Metalúrgicos e a União dos Operários em Construção Civil. As autoridades alegaram que a UGT induziu os operários ao ataque a Intendência de Guerra com o objetivo de estabelecer no Brasil o temido regime dos soviets russos. É notória a ignorância das elites brasileiras a respeito do que acontecia na Rússia, principalmente das autoridades policiais.²⁹⁹

²⁹⁸ Jornal do Brasil (28/11/1918).

²⁹⁹ BANDEIRA, Moniz. *O ano vermelho*. São Paulo: Expressão Popular, 2004, p. 181-187.

Os trabalhadores em massa se organizaram e se mobilizaram para lutar pela absolvição dos militantes presos, acusados de serem os líderes da malograda insurreição. A pressão operária alcançou o objetivo almejado, pois seis meses depois foram libertados a tempo de participarem das manifestações do 1º de Maio do ano seguinte.³⁰⁰

O legado da Revolução Bolchevique, a recente greve da Cantareira, as notícias da revolução na Alemanha, a mobilização operária no rastro da greve geral de 1917 e as adesões de alguns militares de baixa patente em protestos populares moviam os operários em seu objetivo de concretizar a anarquia em uma realidade social. Porém os militares não aderiram ao movimento insurgente. Na verdade cumpriram fielmente seu papel de força repressora do Estado burguês. Os revolucionários tentavam trazer os militares para o lado operário com distribuição de boletins exortando-os a ficarem do lado do povo. Pois na Rússia os militares haviam se unido ao proletariado e esse seria um dos caminhos para a derrubada do capitalismo no Brasil. Porém muitos militantes operários foram presos antes de aproximar os militares do proletariado. Também foi um militar, José Elias Ajus, que se infiltrou no movimento para espioná-lo e controlá-lo. Os militantes operários pretendiam transformar a greve, em uma greve geral que se transformaria em uma revolução social. Tinham por objetivo concretizar a derrubada do poder constituído como havia acontecido na Rússia. Seriam criados conselhos de operários e soldados para pavimentar a construção de uma nova sociedade sem classes sociais, sem o Estado burguês que o massacrava em sua luta por melhores condições de vida.³⁰¹

Com perplexidade percebemos que a revolução anarquista de 1918 tem sido pouco abordada pelos historiadores que estudam o movimento operário nesse período. Poucos historiadores deram a devida atenção a esse episódio. A violenta repressão e as medidas tomadas para impedir que outro evento operário dessa natureza se repetisse, demonstram a importância da revolução anarquista de 1918. As elites ficaram alarmadas com a grande mobilização operária e a elaboração de uma organizada estratégia para a tomada de poder no Distrito Federal. Essa tentativa revolucionária evidenciou que a conquista da Capital da República era possível. Demonstrou que a situação dos operários era tão opressiva que eles estavam dispostos a tomar o poder para melhorar sua situação material. O anarquismo amedrontava as elites como nenhuma outra ideologia havia feito até então. Mesmo no final da terceira década republicana, era o anarquismo a principal ideologia de combate proletário contra a exploração capitalista. Proporcionava meios eficientes dos operários interpretarem e entenderem a realidade material a qual estavam submetidos. Após a conquista de poder dos marxistas russos, o combativo sindicalismo revolucionário estava conjugado com a eficácia da revolução

³⁰⁰PEREIRA, Astrojildo. *Formação do PCB*. 3ª Ed., São Paulo: Anita Garibaldi, 2012, p. 54.

³⁰¹ADDOR, Carlos Augusto. *A insurreição anarquista no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Ed. Dois Pontos, 1986, p. 166 e 167.

bolchevique. Entendemos que essa tentativa de insurreição anarquista representou novas perspectivas para o sindicalismo revolucionário no Brasil, proporcionadas pelo legado da Rússia Soviética. Deram mais força ao movimento operário, atingido pela constante violência de Estado e vitaminado pela selvagem exploração capitalista. A Rússia Soviética havia legado o caminho para a derrubada do capitalismo e abriu novas perspectivas para o movimento operário brasileiro.

44. O ANARQUISMO E A PERDA DO VETOR SINDICAL

O presente estudo a respeito da entrada, desenvolvimento e relacionamento de ideologias, que mobilizaram os trabalhadores brasileiros na luta contra o capitalismo, nas primeiras décadas do regime republicano, me levou a concluir que não existiu, nesse primeiro momento, supremacia do marxismo sobre o anarquismo. Não concordo com a afirmação de Astrojildo Pereira que no Brasil o anarquismo estava fadado a declinar e consequentemente a ascensão do marxismo no Brasil seria uma necessidade histórica. O anarquismo não havia deixado de mobilizar os trabalhadores quando o Partido Comunista do Brasil foi fundado. Ambas as ideologias conviveram durante alguns anos dentro do movimento operário de maneira conflituosa. Porém o surgimento do Partido Comunista do Brasil aconteceu justamente em um período de intensa repressão ao movimento anarquista, que o desarticulou, levando-o ao declínio. As elites dominantes no Brasil gradativamente criaram eficientes mecanismos de repressão contra o proletariado organizado pela ideologia ácrata. Tais mecanismos alcançaram seu auge no governo de Epitácio Pessoa. O anarquismo não estava enfraquecido enquanto ideologia organizadora da causa operária. Pelo contrário. Devido a sua grande penetração entre os trabalhadores, uma violenta repressão burguesa foi necessária.

Gradativamente o governo republicano fechou o cerco contra a vigorosa militância anarquista. Vários mecanismos repressivos alcançaram êxito e contribuíram efetivamente para o início de um refluxo do sindicalismo revolucionário: a criação e o recrudescimento de leis que legitimavam a repressão aos militantes libertários, as deportações de lideranças anarquistas estrangeiras, as cotidianas perseguições, invasões de casas e prisões de líderes anarquistas brasileiros, o banimento contínuo de associações operárias, invasões e destruições das sedes dos sindicatos e de seus principais veículos de informação, os jornais operários. Portanto discordo da concepção de parte dos historiadores, brasileiros ou estrangeiros, de que o anarquismo estava em declínio e consequentemente o surgimento de um partido marxista no Brasil seria uma necessidade histórica. Essa interpretação histórica foi desenvolvida por Astrojildo Pereira em seu livro *Formação do PCB*:

A bancarrota do anarquismo fora total e com ela ficou encerrado um largo período da história do movimento operário brasileiro. O consequente surgimento do Partido Comunista, ao mesmo tempo em que assinalava o início de um novo período, era a revelação de que as lutas precedentes haviam produzido um rápido amadurecimento político da classe operária brasileira, que assim mostrava compreender qual o papel histórico que lhe caberia à frente da revolução social e nacional em marcha. Eis por que dizemos que a existência do Partido Comunista do Brasil corresponde a uma ne-

cessidade histórica que os fatos do passado demonstraram e é confirmada pelos fatos do presente (...).⁴⁶⁵

Porém mais adiante, no mesmo livro, Astrojildo Pereira enfatizou que nas três primeiras décadas republicanas o marxismo não tinha nenhuma representatividade entre os trabalhadores brasileiros. O *Manifesto Comunista* só foi publicado entre nós, sob a forma de livro, em 1924, graças a tradução realizada por Octávio Brandão. O anarquismo continuava sendo a mais combativa ideologia do movimento operário.

... a ausência de uma tradição marxista havia de tornar ainda mais difícil, nas condições do nosso país, a tarefa de extirpação das influências reformistas e anarquistas, que perduravam no movimento operário em geral, mesmo depois das experiências de 1917-1920, e se refletiam desastrosamente no Partido e, sobretudo, em sua direção.⁴⁶⁶

O próprio Astrojildo afirmou que o sindicalismo revolucionário mobilizou o proletariado nos anos que antecederam a criação do PCB. A militância libertária estava em um período de grande atividade de resistência operária. A revolução bolchevique aumentou e inflamou ainda mais a militância dos operários brasileiros. A enorme quantidade de greves, constante eclosão de greves gerais, a aprovação de propostas anarquistas no III Congresso Operário Brasileiro, a tentativa de insurreição anarquista inspirada no bolchevismo em 1918 e a violenta repressão governamental, em diversas partes do país, mostram a força do sindicalismo revolucionário nos últimos anos da segunda década do século XX.

Porém, esse vigor revolucionário teve como consequência ações repressivas intensas e efetivas que asfixiaram quaisquer possibilidades de resistência do movimento operário. Os anarquistas conseguiram desenvolver uma ativa militância exclusivamente dentro dos sindicatos e assim tornaram-se dependentes desse espaço para atuação em nossa sociedade. Os libertários não criaram outros espaços de atuação e mobilização. Gradativamente a repressão ao sindicalismo revolucionário sufocou a militância anarquista restrita a esses ao meio sindical.

Não existiram necessidades históricas para a criação do PCB, pois a criação do partido aconteceu devido a decisão e mobilização de alguns militantes anarquistas, estimulados pelo êxito revolucionário dos marxistas russos, decepcionados com as tentativas infrutíferas de insurreição e greves gerais do sindicalismo revolucionário. Esses militantes ousaram criar um partido comunista, realmente marxista, no Brasil e consequentemente entraram em rota de colisão com seus antigos companheiros de militância anarquista. Partidos comunistas estavam surgindo em diversas partes do mundo e com o

⁴⁶⁵PEREIRA, Astrojildo. *Formação do PCB*. 3ª Ed., São Paulo: Anita Garibaldi, 2012, p. 56.

⁴⁶⁶Ibid., p. 156.

Brasil não foi diferente. Os partidos comunistas, em sua maioria, surgiram de frações de organizações operárias locais estimuladas pelo legado soviético, fossem partidos políticos socialistas, sindicatos revolucionários que combatiam ou se opunham à ordem capitalista. Nos países europeus grupos marxistas surgiram principalmente da socialdemocracia, influenciados e empolgados com a conquista de poder do proletariado na Rússia através da revolução bolchevique.

Como o próprio Astrojildo reconheceu, a ausência de literatura marxista no Brasil não proporcionava meios para que indivíduos entendessem plenamente o marxismo. Se nem mesmo os fundadores do PCB tiveram acesso direto às obras de Marx, é claro que teriam dificuldades nesse primeiro momento, de mobilizar e organizar o proletariado brasileiro através do marxismo.

O surgimento do Partido Comunista do Brasil foi singular, pois inicialmente os setores da classe operária dispostos a se libertar dos grilhões capitalistas se mobilizaram através do sindicalismo revolucionário, de inspiração anarquista. Alguns militantes libertários resolveram criar o primeiro partido político marxista. Não havia socialdemocracia em nosso país. Os partidos socialistas não conseguiram se enraizar entre o proletariado brasileiro. A maioria deles acabou em pouco tempo, teve uma existência efêmera. Portanto o surgimento de um grupo disposto a criar um partido comunista no Brasil veio do anarquismo, em um momento de grande mobilização operária através do sindicalismo revolucionário e conseqüentemente de grande repressão governamental.

O anarquismo não deixou de organizar os operários após a criação do PCB. A repressão estatal aos anarquistas continuou acontecendo sistematicamente nos anos seguintes. Entendemos que no início da terceira década do século XX, o proletariado não tinha a necessidade de criar um partido marxista para organizar sua luta. Ele estava organizado combativamente pelo sindicalismo revolucionário.

Alguns fatores representam a continuidade da militância anarquista mesmo após a criação do partido comunista. Logo após a sua fundação, os dirigentes do PCB precisaram atuar dentro das associações organizadas pelo sindicalismo revolucionário, atrair operários para o partido. Como já vimos foram inúmeras críticas, vinculadas nos jornais anarquistas, acusando tal assédio do Partido Comunista do Brasil. Algumas dessas críticas foram proferidas por anarquistas que tempo depois passaram a militar no PCB, como foi o caso de Octávio Brandão.

O anarquismo conseguiu mobilizar, organizar as lutas operárias nas primeiras décadas republicanas e assim contemplou as demandas do proletariado. No entanto, os militantes libertários não conseguiram implementar uma política libertária que se fizesse presente dentro e fora dos sindicatos. A repressão estava atingindo e debilitando o sindicalismo revolucionário e conseqüentemente o anarquismo restrito unicamente a esse meio de atuação. O

surgimento do Partido Comunista do Brasil confrontou tal modelo com suas limitações e representou o fim do monopólio libertário na organização do movimento operário. A criação do PCB não significou o fim da ideologia anarquista enquanto vetor organizador do movimento operário e sim uma confrontação de seus acertos e insucessos. Os anarquistas perderam parte de seu espaço político para os comunistas. A Federação dos Trabalhadores do Rio de Janeiro (FTRJ) havia sido fundada por anarquistas em 1920, porém passou ao controle dos comunistas. Assim marxistas e anarquistas passam a se enfrentar pelo comando da importante organização proletária.

Em 1923 os anarquistas refundaram a Federação Operária do Rio de Janeiro (FORJ) sob os princípios organizacionais do sindicalismo revolucionário. Foi formada por sete associações operárias recebendo a adesão de outras nos meses posteriores. A FTRJ não findou suas atividades, embora os anarquistas a considerassem uma federação operária moribunda. O número de sindicatos associados à FORJ se tornou superior, em pouco tempo, ao número de sindicatos filiados à FTRJ. Ambas as federações passaram a se atacar utilizando os periódicos *A Pátria* e *O País*. Enfrentamentos com agressões físicas também aconteceram entre os militantes de ambas as ideologias. A proximidade de organizações anarquistas e marxistas, mesmo imbuída de rivalidades, agressões e intolerâncias, levou a alguns anarquistas refletirem sobre os insucessos do sindicalismo revolucionário e a descentralização organizacional de entidades sindicais libertárias quando comparadas com a centralização das organizações marxistas. Uma ideologia influenciou a outra, mesmo que tal convivência fosse desprovida de harmonia e tolerância. Com a mão pesada da repressão sobre o movimento anarquista, se tornou necessária uma análise dos métodos de mobilização anarquistas, pois precisavam se organizar para superar um modelo descentralizado que estava sendo duramente atingido pelo governo. Além do que a militância anarquista não poderia atuar somente no viés do sindicalismo, precisava desenvolver outros vetores de atuação. Florentino de Carvalho registrou a força do anarquismo no início da década de 1920 no periódico *A Plebe*:

Precisamente nesta hora de trágica derrocada do regime burguês (...) em que o anarquismo triunfa por toda a parte, derrubando testas coroadas, fazendo rolar democracias sob o impulso iconoclasta das avalanches revolucionárias; neste momento em que a revolução social está em marcha acelerada para a Anarquia (...).⁴⁶⁷

José Oiticica tentou se aproximar dos comunistas com o intuito de entender métodos marxistas organizacionais e confrontá-los com os libertários. Seu objetivo era evolução de métodos organizacionais anarquistas, que superassem a descentralização e o individualismo libertários.⁴⁶⁸ No final de 1923 Oiticica interrompeu tal aproximação, provavelmente por causa das per-

⁴⁶⁷ *A Plebe* (20/03/1920).

⁴⁶⁸ SAMIS, Alexandre – Anarquismo, ‘bolchevismo’ e a crise do sindicalismo revolucionário. In *História do anarquismo no Brasil*. (Volume 2). Rio de Janeiro: Achiamé, 2009, p. 47.

seguições bolcheviques aos anarquistas na Rússia e das agressões de comunistas aos anarquistas no Rio de Janeiro. Assim restringiu sua aproximação aos comunistas ao contato com Antonio Bernardo Canellas na redação do jornal *5 de Julho*. Apesar da continuidade da atuação de Canellas no movimento operário, torna-se difícil classificar Canellas como comunista ou anarquista após sua expulsão do partido e de sua atuação no importante periódico.

Em 1924 Oiticica foi preso novamente dentro da sala de aula do Colégio Pedro II. Foi levado à Polícia Central, onde passou alguns dias, encaminhado para o cárcere na Ilha Rasa e depois para a Ilha das Flores. No ambiente de clausura e péssimas condições de estadia Oiticica conseguiu escrever parte do importante livro *A Doutrina Anarquista ao Alcance de Todos* em papel de embrulho. Após a prisão foi para a Alemanha onde lecionou português e literatura na renomada Universidade de Hamburgo entre 1929 e 1930. Oiticica retornou ao Brasil em 1931, trabalhou novamente como professor de português do Colégio Pedro II e fundou a Liga Anti-Clerical ao lado de outros anarquistas. Foi preso em 1937, junto com alguns libertários, pela polícia getulista. Fato que acabou com as atividades da Liga Anti-Clerical.⁴⁶⁹ Eram os dias sombrios da ditadura do Estado Novo. Foi aposentado compulsoriamente do cargo de professor do Pedro II aos 70 anos de idade.⁴⁷⁰ Faleceu em junho de 1957, quando se preparava para publicar o número 118 do jornal anarquista *Ação Direta*.

Outras fontes também nos permitem comprovar a continuidade da militância anarquista após a fundação do PCB. Os registros do Departamento de Ordem Política e Social (DOPS) a respeito das atividades anarquistas nos fornecem indícios da continuidade da militância ácrata. O DOPS foi criado em dezembro de 1924, durante o governo de Arthur Bernardes (1922-1926). Durante seu governo aconteceu a preparação e efetivação de uma política estatal de vigilância, repressão e controle político de setores da sociedade, principalmente o movimento operário e tenentista.⁴⁷¹ Pretendia reprimir os delitos considerados crimes políticos e sociais. Seus alvos eram lideranças operárias, políticas, capoeiristas, pobres, negros, entre outros. Era na prática uma polícia investigativa, voltada exclusivamente para extração de informações e consequente repressão aos trabalhadores organizados, considerando suas estratégias de luta como crimes políticos e sociais. Os documentos do DOPS comprovam vigilância e repressão também aos anarquistas desde sua criação. Existe documentação do DOPS a respeito do anarquismo até a década de 1940. Os jornais anarquistas mais perseguidos pelo DOPS foram *A Lanterna* e *A Plebe*.⁴⁷²

⁴⁶⁹RODRIGUES, Edgard. *Socialismo e sindicalismo no Brasil*. Rio de Janeiro: Ed. Laemmert, 1969, p. 312 e 313.

⁴⁷⁰OITICICA, José. *A doutrina anarquista ao alcance de todos*. São Paulo: Editora Econômica, 1983, p. 2.

⁴⁷¹ROMANI, Carlo – A revolta de 1924 em São Paulo: uma história malcontada. In *História do anarquismo no Brasil*. (Volume 2). Rio de Janeiro: Achiamé, 2009, p. 60-63.

A Revolução de 1930 domesticou os sindicatos, que passaram a ser incorporados pelo Estado varguista. A militância anarquista restrita ao sindicalismo revolucionário perdeu seu único meio de atuação. Os anarquistas não haviam criado outros espaços e mecanismos de militância. Assim o meio de se alcançar a revolução proletária foi confundido com a própria ideologia anarquista. O sindicalismo revolucionário era um meio para a derrubada do capitalismo e não o fim em si. A ausência de outros espaços de atuação libertária resultou em uma gradativa perda de visibilidade da militância anarquista, criando uma errônea possibilidade de entendimento de que a criação do PCB se tornou uma necessidade proletária mediante a crise, enfraquecimento e consequentemente uma invisibilidade da ideologia anarquista no Brasil.

O marxismo e o anarquismo permitiram que pessoas exploradas e sem esperanças sonhassem com melhores dias. Através dessas ideologias, pessoas exerceram sua liberdade, interpretaram a inóspita realidade material em que estavam inseridos, vislumbraram um mundo livre da exploração capitalista, se organizaram e lutaram para melhorar suas vidas e a sociedade em que estavam inseridas.

⁴⁷²SILVA, Rodrigo Rosa da – As ideias como delito: a imprensa anarquista nos registros do DEOPS-SP (1930-1945). In *História do anarquismo no Brasil*. (1º volume). Niterói: edUFF : Rio de Janeiro: MAUAD, 2006, p. 16.